

Notas para *As configurações da comunicação: semiótica crítica e política*¹

Alexandre Rocha da SILVA²
Cássio DE BORBA LUCAS³
Demétrio ROCHA PEREIRA⁴
Francisco MENEGAT⁵
Giovana COLLING⁶
Isabelle do Pilar MENDES⁷
João Fabricio FLORES DA CUNHA⁸
Lennon MACEDO⁹
Luis Felipe Silveira de ABREU¹⁰
Luiza MULLER¹¹
Mario ARRUDA¹²
Taís SEVERO¹³
Victoria MORELE¹⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

O artigo apresenta premissas para o projeto *As configurações da comunicação*, idealizado por Alexandre Rocha da Silva e desenvolvido coletivamente pelo GPESC. A comunicação é pensada desde a Semiótica Crítica como indissociável das três ordens faneroscópicas que a configuram *ad hoc*, mas também das três ordens metafísicas que configuram o processo do conhecimento e da vida. Na primeira seção, vemos como o acaso distribui qualidades em operações estéticas que configuram iconicamente o sensível; na segunda, pensamos a existência e o encontro à luz de uma ética comunicacional; na terceira, a mediação como fundamento para a fixação da crença e a mudança de hábitos. Uma última seção formula os termos de um conceito de comunicação sinequista como uma continuidade entre os três distintos horizontes comunicacionais. Procura-se, com isso, problematizar politicamente a comunicação ao concebê-la pela atualização ética de potenciais estéticos.

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação e docente na FABICO/UFRGS e no PPGCOM/UFRGS, e-mail: arstrocha@gmail.com.

³ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS, e-mail: cassioborba@gmail.com.

⁴ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS, e-mail: demetrio.pereira@gmail.com.

⁵ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS, e-mail: shicomenegat@gmail.com.

⁶ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRGS, e-mail: giovanacolling@gmail.com.

⁷ Graduanda em Relações Públicas da FABICO/UFRGS, e-mail: isa.pmendes2@gmail.com.

⁸ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRGS, e-mail: jfloresdacunha@gmail.com.

⁹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRGS, e-mail: lennon-macedo@hotmail.com.

¹⁰ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRGS, e-mail: paraluisabreu@gmail.com.

¹¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRGS, e-mail: luizaemuller@gmail.com.

¹² Doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRGS, e-mail: marioarruds@gmail.com.

¹³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS, e-mail: impopster@gmail.com.

¹⁴ Graduanda em Publicidade e Propaganda da FABICO/UFRGS, e-mail: victoriasmorele@gmail.com.

PALAVRAS-CHAVE: semiótica crítica; comunicação; política.

O presente texto é uma elegia e uma proposta. Trata-se de uma apresentação do projeto de pesquisa *Semiótica Crítica e as configurações da comunicação*, idealizado por Alexandre Rocha da Silva e elaborado coletivamente pelo Grupo de Pesquisa em Semiótica Crítica (GPESC). Objetiva avaliar os limites e as potencialidades para o desdobramento de um conceito de Comunicação desde suas configurações estéticas, éticas e lógicas. Para tanto, parte dos estudos pragmaticistas e da compreensão triádica do fenômeno comunicacional, constituindo uma comunicação acontecimental que relaciona a diversidade material pansêmica e a continuidade entre invenções de atributos singulares, produções de referencialidades e formações de hábito.

O potencial problema de pesquisa se volta a responder às seguintes questões: como a Semiótica Crítica concebe a comunicação? Quais são os elementos pertinentes para traçar um plano de consistência da comunicação? O que significa compreender triadicamente o fenômeno comunicativo? Como se operam as passagens entre as faces potencial, existente e regulamentares da comunicação? Que procedimentos metodológicos convêm a cada aspecto de uma tal concepção triádica ou pragmaticista da comunicação?

Essas questões devem multiplicar e aprofundar os diálogos que o projeto *Semiótica Crítica* tem acionado no campo da comunicação, notavelmente em interface com grupos de pesquisa que reivindicam a necessidade de um pensamento propriamente comunicacional. Este projeto se singulariza por discutir a comunicação considerando sobretudo as questões semióticas que lhe são próprias. Uma tal visada permite organizar o desdobramento da pesquisa em quatro eixos, sendo três deles voltados para os aspectos estético, ético e lógico do fenômeno comunicativo, dedicando-se a quarta parte à afirmação de uma imanência da comunicação, ali relacionada, então, ao princípio peirceano do sinequismo.

Metodologicamente, haverá três momentos: exploração, descrição, explicação. Na fase exploratória, propomos identificar abordagens acerca da configuração triádica da comunicação. Na fase descritiva, o objetivo é a produção de diagramas capazes de dar a ver convergências, contradições e complementaridades entre os diferentes

conceitos de comunicação, promovendo associações entre variáveis. Por fim, na fase explicativa, esses diagramas devem se tornar mapas conceituais capazes de explicar por quais caminhos se configura um conceito triádico de comunicação que perceba a continuidade entre problemáticas estéticas, éticas e lógicas na relação acontecimental entre uma diversidade inventiva e um hábito-mundo constituído.

Devemos mapear as formas de inscrição da comunicação em (1) horizontes estéticos, desde suas partilhas, suas materialidades e seus processos iconizantes; (2) horizontes éticos, desde suas referencialidades e seu caráter acontecimental; (3) horizontes lógicos, desde sua fixação de crenças, sua condição de mediação e seus efeitos concretos. Por fim, ainda pretendemos desenvolver procedimentos metodológicos para o estudo da comunicação a partir de modos de raciocínio abduutivo, indutivo e dedutivo, conceitos fundamentais na análise das formas de raciocínio que discerne a semiótica, retomando o crescimento da razoabilidade científica por uma visada pragmaticista do campo da comunicação.

A ênfase na continuidade entre estética, ética e semiótica alude à consideração de que a diferença seja dispositivo de aumento da razoabilidade concreta. Essa continuidade, que recebe de Peirce o nome de *sinequismo*, é a força metafísica que faz o acaso desdobrar-se em interpretantes e em futuros hábitos. Pensar a Comunicação no estrato desta força é considerar que se faz comunicação entre comunicações.

Descrever os efeitos dessa malha comunicacional operada pelo *sinequismo* é um dos objetivos do projeto que aqui apresentamos. O enunciado “configurações da comunicação” atenta para o caráter *processual* dos modos comunicativos, que não param de se atualizar, agenciando novas qualidades, novos encontros e novas leis comunicativas. Em suma, uma das hipóteses que traçamos com este breve percurso é a de que a continuidade na tríade não se efetua sempre da mesma forma e, com isso, não cessa de criar diferentes configurações comunicacionais.

Dado o estágio eminentemente inicial do projeto em questão, seu compartilhamento com o GP de Semiótica e Comunicação busca discutir tanto seus elementos constituintes quanto a forma de pensamento que lhe é intrínseco. A seguir, apresentamos pontualmente o modo de consideração deste projeto acerca das categorias faneroscópicas descritas por Peirce e as relações delas com os processos produtores de configurações na comunicação. Além disso, no último tópico de desenvolvimento

pretendemos delinear as relações entre comunicação, semiótica e sinequismo, de modo a enfatizar e desenvolver comunicacionalmente a tese de que as categorias são tanto faneroscópicas (expressam as relações do signo com o mundo) quanto metafísicas (expressam modos constitutivos dos seres).

Primeiridade, a estética e o signo

Em um movimento inicial de pesquisa, consideraríamos as diferentes nuances do fenômeno comunicativo em primeiridade, tarefa que impõe um conjunto de questões. Quanto à natureza de tal fenômeno, desdobraremos a noção de potencial como mobilizadora de um materialismo em comunicação. No que tange ao que Peirce chamou de ciências normativas, seria propriamente estético o mais imediato conhecimento acerca do que aparece à mente. Ao pensarmos o objeto da comunicação, falaremos não tanto das mídias quanto de entremeios intensivos, percorridos por movimentos de abdução e de inferência criadora, o que nos leva a afirmar um pensamento icônico-diagramático. Nesse horizonte, nos são caras as operações comunicacionais iconizantes (PIGNATARI, 2004) que garantem a potência estética da descoberta de novos mundos, bem como as partilhas do sensível (RANCIÈRE, 2009) que distribuem diagramaticamente os elementos em jogo.

A experiência de primeiridade revela elementos cuja natureza está aquém da concretude dos objetos formados. São atributos, qualidades, hecceidades, singularidades que são pré-individuais antes de serem características ou ideais encarnados. São seres por gerarem efeitos e não por características essenciais imutáveis, são seres na medida em que afetam e são afetados. O verdejar que é afetado pela constituição do lírio da paz destoa do verde do boldo e do verde da orelha de elefante. Ainda assim, o afeto verdejar existe enquanto ação qualitativa que produz distintos verdes encarnados.

O pensamento icônico-diagramático e o movimento de abdução no pensamento ficam evidentes tanto pelas características constitutivas de um fenômeno quanto por maneirismos corporais que aguçam a sensibilidade para os afetos de um objeto-acontecimento. Ou melhor, seria próprio do fenômeno de primeiridade constituir a sensibilidade afetiva dos seus interpretantes. Não há separação entre a força do

pensamento icônico-diagramático das intensidades que diferenciam os objetos e a constituição dos interpretantes que percebem essas intensidades.

O verdejar é inseparável da estrutura das plantas que o atualizam. E, por sua vez, a estrutura vegetal é constituída de tantos outros afetos, que se afetam entre si. É nesse sentido que o pré-individual constitui-se em multidão, nunca chegando em um estágio de essência imutável.

Com o decorrer destes desenvolvimentos, propomos considerar a imanência no interior da teoria peirceana de modo a observar como a criação sógnica produz ondas de relacionamentos assignificantes entre diferentes signos. Para pensar tal movimentação, buscamos observar a pertinência do conceito de zeroidade, proposto por Deleuze (2018), como uma força que seria transversal às outras categorias faneroscópicas. Cabe discutir, inclusive, se a zeroidade em Deleuze não teria uma operacionalidade vizinha ao sinequismo em Peirce.

É nesta esteira que se pode considerar que a comunicação transversal operada pela zeroidade produz multidões sógnicas. Para além da multidão de afetos presentes em uma única planta, a multidão de plantas expressa um movimento contínuo do sentido do verdejar através de suas diferentes encarnações na comunidade vegetal.

É desse modo que talvez se possa considerar que a criação de signos desencadeia forças que atingem conjuntos heterogêneos de signos. Pela criação sógnica, os signos são deslocados de suas funções e sentidos, atingindo uma condição flutuante totalmente diferenciada, característica que evoca potências múltiplas e conduz à emergência da multidão tal qual pensada por Negri e Hardt (2014).

Secundidade, ética e o objeto do signo

A abordagem que a Semiótica Crítica tem desenhado encontra na questão da *referencialidade* um nó particular, a atar suas relações: questionar o estatuto e o lugar do objeto do signo como um problema semiótico por excelência, mas também como uma questão central à Comunicação. O *quê* comunica um signo?

Comunica a sua condição sógnica; esta parece uma resposta imediata. A concepção crítica de secundidade em jogo aqui a entende como o *motor experiencial de relações*. Sendo a dimensão do existente, buscamos alertar aos perigos de reificar e

hiperatrofiar o significado como o *fato* do signo. Se tomarmos o caminho faneroscópico de Peirce, é possível perceber que a ideia do fenômeno como *aquilo que aparece a uma mente* já prepara uma crítica do objetivismo.

Jacques Derrida, um dos grandes críticos da noção de “significado transcendental”, convocava Peirce como seu maior aliado em tal disputa (DERRIDA, 1973). Na sua leitura, a faneroscopia toma precedência sobre as fenomenologias, na medida em que dá conta do caráter *relacional* de qualquer “objeto”, sempre diferido na própria cadeia sígnica – processo que se encapsula na secundidade. A manifestação de algo não revela uma coisa, mas *faz signo*:

Portanto, não há uma fenomenalidade que reduza o signo ou o represente para enfim deixar a coisa significada brilhar no clarão de sua presença. A tal "própria coisa" é desde sempre um *representamen* subtraído à simplicidade da evidência intuitiva. O *representamen* funciona somente suscitando um *interpretante* que torna-se ele mesmo signo e assim ao infinito. A identidade a si do significado se esquia e se desloca incessantemente (DERRIDA, 1973, p. 60, grifos do autor).

De volta a Peirce, é com seu idealismo objetivo (IBRI, 1992) que propomos contornar – até mesmo denunciar – uma demanda pela motivação do signo, mesmo um fetiche pela verificação da referência. Sua semiótica não comporta o seccionamento, embora seja enfática na afirmação de que há algo no fenômeno que é pura ação e reação, puro acontecimento irrepetível.

A teoria peirciana é também uma teoria do acontecimento enquanto aquilo que desconsidera a norma, que advém, que é pura relação de forças, choque, conflito, polaridade. Algo nos ocorre, algo acontece. Esse acontecimento, por mais trivial que seja, enseja mudanças em nossas concepções, atuando como uma baliza de ideias – pois a força bruta da secundidade faz da experiência concreta, real, antídoto a nossos erros. Na perspectiva peirceana, portanto, as nossas concepções são respostas interpretantes ao que acontece.

Entender e afirmar o aspecto relacional do existente – e, portanto, como campo de estudo e batalhas da secundidade – é pensar a Comunicação por seu viés acontecimental *stricto sensu*. O que “há” é tão somente o que acontece, e acontece nos interstícios dos signos. O objeto de um pensamento comunicacional seria sempre esse “entre” – com atenção, também, ao que transborda de comunicação para as passagens

entre os “foras” e os “dentros”. Esse jogo, que denota ainda mais as distâncias entre objeto e signo, Deleuze e Guattari (1997b) vão compreender como as dinâmicas entre *territorialização*, *desterritorialização* e *reterritorialização* – e com isso podemos ultrapassar um sistema de representação que pressupunha o par palavra-coisa, objeto-representação, e mesmo signo-significado, para entrar em um sistema de *produção*. Comunicacional, diríamos.

O choque com o existente que se dá no espaço da secundidade é o que permite a correção de nossas hipóteses, formuladas por meio da indução. Nessa forma de raciocínio, trata-se de chegar a uma regra geral, partindo da especulação; corresponde, em certa medida, a um espaço de experimentação. Desde a perspectiva da semiótica peirceana, uma ciência não busca a afirmação de verdades universais, mas a superação do erro. É da natureza da semiose a produção perene de novos interpretantes, já que “o modo de ação típico do signo é o do crescimento através da autogeração” (SANTAELLA, 1995, p. 43). Essa autogeração define-se pela própria relação triádica do signo que se abre para frente, pressupondo o falibilismo inerente às crenças, e também para trás, numa regressão infinita, pois, por mais que voltemos ao passado da cadeia, sempre encontraremos um signo, nunca chegaremos ao objeto: o signo permanece “sempre em falta com o objeto” (SANTAELLA, 1995, p. 44).

O aumento da razoabilidade do mundo se dá através da superação do erro constitutivo do presente: este é o movimento da semiose. O falibilismo pode ser entendido, portanto, como o princípio que garante, na continuidade, a potencial superação da crença. O movimento da semiose no sentido de superação do erro pode ser compreendido como o movimento propriamente científico em Peirce.

A ciência, contudo, é somente uma faceta da ação ética, que, a rigor, consiste na realização de potencialidades estéticas: ação e reação que têm por base padrões estéticos em perene processo de atualização. Daí o papel renovador e violento da alteridade, momento de encontro radical com o aspecto movente da semiose desestabilizadora de crenças. Neste sentido a ética, de acordo com Peirce, diz respeito à conduta humana que é sempre uma disposição para agir (CP, 5.375). A ação sempre envolve uma dimensão preliminar, uma dimensão potencial que nela se atualiza. Por isso é tão pertinente compreender o papel político de uma ética que se ocupa com as “normas e ideais que guiam nossas ações” (SANTAELLA, 1994, p. 122).

É assim que, então, Peirce passa a conceber a ética e sua relação com as ciências normativas: “as três ciências normativas são a Lógica, a Ética e a Estética, sendo as três doutrinas que distinguem o bem do mal; a Lógica com respeito às representações da verdade; a Ética com respeito aos esforços da vontade; e a Estética nos objetos considerados simplesmente na sua apresentação” (CP, 5.36). Esse salto qualitativo de Peirce em direção às ciências normativas nos permite hoje, com maior clareza, inferir problemáticas comunicacionais propriamente políticas advindas por meio dessa dinâmica semiótica que compreende as passagens entre possíveis, atuais e suas regras.

Entre as ciências normativas, a ética é a que mais características de secundidade apresenta: ela é segunda no interior da arquitetura filosófica peirceana: como filosofia; no interior da filosofia, é segunda como ciência normativa; e no interior das ciências normativas, é segunda também em sua relação com a estética e com a semiótica. Causação eficiente, relação diádica, finalidade voltada para a ação deliberada. A ação não é apenas acontecimento singular, conduta executada em função de uma crença: ela é também potência de existência e norma para agir.

Terceiridade, mediação e os efeitos do signo

Para compreender o papel da terceiridade, articulamos alguns pontos que nos parecem fundamentais: a fixação da crença e hábito como finalidades da comunicação; a mediação semiótica como função comunicativa; o pragmaticismo e sua concepção do significado como efeito concreto da experiência comunicativa; a dedução e as leis da comunicação; as reterritorializações do império.

Primeiro, é preciso compreender a terceiridade como a dimensão do hábito por excelência. A primeiridade é potencialidade pura, a secundidade é concretização, mas só a terceiridade compreende estas duas dimensões e parte da potencialidade e da existência para a produção do hábito. Isto pode ser esclarecido pelo pensamento peirceano da fixação das crenças: sua abordagem do problema do conhecimento.

Vivemos, num primeiro momento, no conforto da crença. Estamos conscientes de alguma coisa. Depois, surge a irritação da dúvida, o momento desconfortável que mobiliza o pensamento. Em face disso, estabelecemos, por fim, uma regra de ação em nossa natureza, isto é, um hábito (CP, 5.397). É a crença, portanto, o cerne decisivo da

comunicação desde uma perspectiva semiótica; mas é fundamental observar que não se trata, aqui, de uma simples crença pessoal. As crenças são estabelecidas somente na continuidade sinequista da investigação por uma comunidade ilimitada de investigadores. Muito diferente do que se entende, no senso comum, como sendo ciência (uma espécie de guia que estabelece verdades), a ciência pragmaticista tem a capacidade de experimentar as crenças, de testá-las e de reformulá-las a partir de seus próprios erros – dos quais, por princípio, não podemos de todo nos furtar.

A comunicação, portanto, deve considerar que seu processo não é outro senão a “ação do pensamento”, que “é excitada pela incitação da dúvida e cessa com o atingir da crença” (CP, 5.375).

A afirmação peirceana da “função única do pensamento” enquanto modificação da crença é devedora de Alexander Bain, que a entendia como “*preparedness to act*” (APEL, 1981, p. 57): não há teste mais decisivo para definirmos aquilo em que acreditamos do que o teste da ação. A crença está na base daquilo que estamos preparados para fazer. Escapamos, por este critério, do jogo de palavras e do relato empirista ingênuo, pois não basta afirmar que não acreditamos na gravidade: só teríamos crença se nos atirássemos da janela sem medo.

Para a comunicação, este é um deslocamento importante. Pois ao invés de observar o que um determinado fenômeno ‘quer dizer’ ou o que uma proposição significa, a semiótica se propõe a analisar quais as alterações concretas que este fenômeno causou nas nossas crenças sinequisticamente definidas. Assim, posso afirmar uma mensagem de paz, mas, no fundo, pragmaticamente, produzir um hábito de guerra. Posso propagar uma ideia revolucionária, mas se ela não adquirir consistência como regra de ação, de nada terá adiantado. No mais das vezes, é o contrário que ocorre, e a mensagem revolucionária acaba sendo conformada ao hábito comunicacional mais conservador: vendida como mercadoria ou estampada como adorno estético e figura retórica.

O objeto da comunicação, portanto, deve ser pensado com auxílio da noção de mediação. A mediação semiótica como função comunicativa implica, já, uma espécie de desmontagem da noção clássica de “objeto” que as teorias da comunicação mais tradicionais pensavam representar. O objeto imediato representa, paradoxal e simultaneamente, um acréscimo ao objeto dinâmico (de que só temos conhecimento

pela incidência de um *representamen* que o represente) e um acréscimo de falta, pois no signo reconhecemos sempre a parcialidade e o falibilismo de nossa consciência presente. A realidade é dinâmica porque cresce e se afasta na medida em que a apreendemos nos objetos imediatos da representação. E é por meio desta, definida por Peirce como relação triádica de semiose, que a comunicação também cresce e desvia – não no sentido de uma veracidade a que devêssemos retornar, mas como uma continuidade de efeitos que o pragmatismo reconhece e substitui às intencionalidades e aos sujeitos da comunicação.

É nessa mediação que, ao mesmo tempo, a semiótica encontra uma de suas tarefas centrais: a tradução de potencialidades estéticas em realizações éticas. A estética, responsável pela definição do admirável *per se*, está necessariamente implicada nas atualizações éticas que dela decorrem. O efeito concreto da experiência comunicativa está nessas passagens que constituem hábitos-mundos.

Para além de todos estes aspectos, a terceiridade deve também ser entendida por sua operação como “lógica crítica”. Ela resulta das inter-relações entre os três tipos de raciocínio descritos por Peirce na lógica crítica – abdução, indução e dedução – e seus fins. Ou seja, ela é responsável pelo estudo dos propósitos que justificam as regras que caracterizam a terceiridade. A metodêutica não é apenas o estudo de métodos científicos como um sistema de regras, mas é o estudo desse sistema de regras naquilo que responde ao propósito de aumento de razoabilidade concreta. A dedução como operação necessária para o estabelecimento de leis, portanto, é uma contribuição fundamental, ligada à terceiridade, para um pensamento semiótico da comunicação.

Não podemos, contudo, hipertrofiá-la sem lembrar que ela está inserida na continuidade sinequista que vai do acaso ao hábito constituído. Em nosso diálogo com Negri e Hardt (2014), isso se traduz na seguinte reflexão: a multidão é constituída por singularidades pré-pessoais, pré-individuais, sem consciência de si nem objeto; ela é uma experiência em primeiridade, a experiência da potencialidade. Entre a multidão e o Império, há continuidade. Nós só conhecemos os agenciamentos da multidão por seus efeitos, ou seja, pelas formas que conseguiu criar.

A comunicação encarna estes efeitos e ao mesmo tempo, por uma epistemologia que recorre também a ela para a reformulação de seus próprios conceitos, tem a capacidade de investigar seus meandros processuais de institucionalização nos mais

diversos fenômenos de individuação (da identidade política às questões de gênero, do audiovisual à sonoridade, etc.). Daí a necessidade de uma semiótica crítica da comunicação que retoma seu fundamento de um pragmaticismo e de uma ciência falibilista, também em vias de serem movimentados pela potência comunicacional aberrante da multidão.

Comunicação, semiótica e sinequismo

O projeto *Semiótica crítica e as configurações da comunicação* busca desenvolver um modo de compreensão da comunicação que seja capaz de demonstrar como os atos comunicativos contribuem para a configuração do que vem a ser a comunicação de forma singular. Trata-se, portanto, de um projeto que objetiva descrever os atos comunicativos como dispositivos de formação de múltiplos conceitos de comunicação. Dessa forma, a comunicação é considerada em constante transformação diante dos usos que lhe são acoplados. A força de variação contínua da comunicação é a sua única regularidade inabalável.

Para dar conta dessa tese, o projeto prevê pensar o estatuto do ato comunicativo em consonância com as teorias de Peirce em relação ao sinequismo (a continuidade radical do processo de diferenciação) e com o tiquismo (a diversidade não determinável da repetição da irrupção do acaso). A comunicação repete a sua diferenciação, e diferencia seus processos de repetição incessantemente.

No método científico, a lei e o hábito são respostas inteligentes do pensamento ao problema da diversidade do mundo: cada hábito é invenção e contenção. Há um papel político que é próprio dos fenômenos em primeiridade: surpreender, criar, mover. Entretanto, o propósito pragmático de tais fenômenos é encarnar-se, e o propósito pragmaticista é gerar pensamento e mudança de hábitos. À semiótica cabe descrever os processos dessas mudanças e contribuir com o aumento de razoabilidade concreta, ou “a contínua e infinda corporificação da potencialidade do pensamento” (SANTAELLA, 1992, p. 134). Não se trata de contrapor os relativismos (abundantes em nosso tempo) com uma retomada da verdade, do significado, do referente, mas de abordar a produção comunicacional de perspectivas. Se a semiótica não é relativista, é porque o objeto sempre insiste sobre o signo, determinando a produção de interpretantes.

Nesse sentido, a continuidade expressa por múltiplas cadeias tradutórias é sinônimo do que poderíamos chamar de vida. A diversidade surge como o motor da história, e tende à produção de novos hábitos que irão organizar a vida coletiva. Mas o hábito também é móvel e resultado de um processo criativo; por princípio sinequista, aplicável mesmo às leis da natureza. E esse processo se encontra na própria gênese do hábito, uma tendência de repetição que, dentre todas as tendências, foi a que não se anulou a si mesma, pela força de repetição.

O hábito é também delimitação, uma vez que contém e organiza a força disruptiva e desorganizadora da potência do tiquismo transmutando-o em conduta. Ele delimita espaço-temporalmente um corpo que, antes, era corpo sem órgãos (DELEUZE; GUATTARI, 1997a) e, depois, corpo estratificado. Tal perspectiva parece ir além de dicotomias como acaso versus necessidade, ou diversidade versus uniformidade, e aponta para uma configuração do que seja o consenso para a ciência. Para Peirce, ela não pode ser reduzida a uma uniformidade; a partir dos ideais do autor, percebemos a vantagem de colocar o consenso como meta futura, e assumir o tiquismo como fundamento de toda processualidade. Isso significa dizer que a diversidade, para Peirce, não se opõe ao consenso; ela é sua condição, por seu poder em gerar novas semioses e impulsionar a continuidade da busca pelas regularidades. O consenso como produto da diversidade funciona por delimitação e estratificação. Ele não é sinônimo de acordo intersubjetivo ou interinstitucional: é o resultado do mais severo processo de inquirição, e por isso, só pode estar localizado no futuro.

Sendo assim, sugerimos como desafio epistemológico para a comunicação colocar sempre como objeto de análise os dois extremos da continuidade sinequista: a diversidade e suas traduções em crença, hábito e lei (agenciamentos concretos e específicos).

A semiótica, como terceiridade das ciências normativas, realiza a função de mediação entre a estética e a ética. Essa função é a um tempo científica e política. Científica porque Peirce não abdica de métodos rigorosos de inquirição explícitos em sua lógica das ciências. Política porque, ao exercer sua função mediadora entre estética e ética, dá a ver as leis que transformam potencialidades estéticas em realizações éticas na esperança de que, no longo curso da história, o ideal estético seja alcançado.

A comunicação, assim entendida, é política no sentido de compor hábitos a partir dos ideais agenciados esteticamente. É para esta produção política de sensibilidades, fatos e leis na comunicação que este projeto de semiótica volta sua crítica.

REFERÊNCIAS

APEL, Karl Otto. **Charles S. Peirce. From pragmatism to pragmaticism.** Frankfurt: University of Massachusetts Press, 1981

DELEUZE, Gilles. **A imagem-movimento.** São Paulo: Ed. 34, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Vol. 4. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997b.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia.** São Paulo: Perspectiva, 1973.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão: guerra e democracia na era do império.** Rio de Janeiro: Record, 2014.

IBRI, Ivo Assad. **Kósmos Noetós: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce.** São Paulo: Perspectiva, Hólon, 1992.

PEIRCE, C.S. *Collected Papers*, Harvard Univ. Press, 8 vol., 1953-1988.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica & literatura.** Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: Estética e política.** São Paulo: EXO experimental org.; Ed. 34, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. **A assinatura das coisas: Peirce e a literatura.** Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SANTAELLA, Lucia. **Estética de Platão a Peirce.** São Paulo: Experimento, 1994.

SANTAELLA, Lucia. **A teoria geral dos signos: semiose e autogeração.** São Paulo: Ática, 1995.